

**“É ASSIM QUE ESTÁ ESCRITO?” “COMO LÊS?”  
FALARES DE NÃO MACHISMO E NÃO PRECONCEITO  
NO DISCURSO RELIGIOSO DOS QUE UTILIZAM A BÍBLIA  
– UM (INCÔMODO) ESTUDO DE CASO**

*Alessandra Serra Viegas* (CEJLL-NAVE/ UFRJ / PUC-Rio)  
[aleviegas42@gmail.com](mailto:aleviegas42@gmail.com)

**RESUMO**

Já diziam os que trabalham com interpretação de textos: “texto sem contexto é pretexto para uma péssima hermenêutica”. Ainda mais quando essa hermenêutica se depara com textos em que a mulher é protagonista, ou que o indesejado contra quem se tem preconceito se mostra como herói. Tais textos incomodam bastante (n)o discurso religioso da época em que estamos vivendo, ainda que em pleno século XXI. Esta comunicação apresenta uma conversa acerca de textos bíblicos que abordam o não machismo e o não preconceito de modo bastante claro: em primeiro lugar, a narrativa de Juízes 4, no Antigo Testamento, em que uma batalha é vencida pelo comando e pelas mãos de duas mulheres; em segundo, uma parábola de Jesus no Novo Testamento, em Lucas 10, na qual um samaritano é apontado como exemplo diante daqueles que acerca dele cultivavam um discurso de ódio. Desafio para nós que trabalhamos com a língua escrita e falada e dela tiramos sustento: a construção de um discurso que leia o texto como ele é, e não como se quer que ele seja.

**Palavras-chave:** *Não machismo. Não preconceito. Hermenêutica.*

**1. Começo de conversa...**

Há uma espécie de hermenêutica que vem sendo utilizada por aqueles que pouco conhecem o texto das escrituras sagradas judaico-cristãs e elaboram um discurso religioso que advém deste (parco) conhecimento. Afirmam categoricamente que a Bíblia valoriza os homens em detrimento das mulheres. A partir daí, parte-se para outro pensamento: o de que a Bíblia é preconceituosa, pois mostra um Deus que ama apenas aqueles que fazem tudo certinho e, de acordo com os relatos bíblicos, esse Deus (YHWH – o SENHOR) amou somente o povo de Israel. Aplicando-se aos dias atuais, “se estou fora do padrão, Deus não me ama!”. Tais assertivas, cujos fundamentos não têm causa tampouco efeito no texto bíblico em si, mas na hermenêutica que dele tem sido feita, têm causado muito incômodo.

Isto posto, o que se quer demonstrar nas linhas que seguem são dois exemplos, para nos fazer refletir, um no Antigo Testamento e outro no Novo Testamento, de textos que vão na contramão do intolerante discurso religioso e de ódio que tem sido construído, em nossos dias, com a utilização dessa *leitura* da Bíblia. O primeiro texto a ser analisado está sendo aqui considerado como um exemplo de *não machismo*, e abarca um contexto de batalha, em que uma mulher, Débora, mulher de Lapidote, juíza e profetisa, é situada pelo narrador como a comandante em chefe; e outra mulher, Jael, mulher de Héber, é a responsável pela morte do comandante inimigo, cabendo a ela a honra da vitória, apesar de estar fora do combate no campo de batalha. Esta narrativa se encontra em Juízes 4, um dos livros que conta o início da organização do povo de Israel, e que talvez seja um texto desconhecido por aqueles que leem a Bíblia apenas esporadicamente.

O segundo texto, bem mais conhecido na esfera pública, o qual tratamos como um exemplo de *não preconceito*, apresenta a parábola do bom samaritano, que se encontra no capítulo 10 do evangelho de Lucas. Esta, se muita gente não conhece em detalhes, ou cada personagem envolvido, pelo menos percebe sua intenção e a “moral da história”: de onde teria que vir o exemplo, dali nada vem; de quem não esperamos, dali vem a ajuda de que necessitamos. A questão, que se pretende abordar na segunda parte deste artigo, é a “moldura” da parábola, isto é, o discurso de ódio no qual está envolvida. Este discurso, que cala e grita dentro de nós, quando com ele nos deparamos, está muito mais nas entrelinhas, nas quais se mostra de modo palpável a aversão que os judeus nutriam com relação aos samaritanos. E a aversão que nossa sociedade, hoje, nutre por aqueles que não queremos considerar nosso próximo – nem respeitá-lo, tampouco amá-lo.

## **2. Falares de não machismo**

Para que possamos entender como as mulheres são tratadas e retratadas em vários textos da Antiguidade Judaica e da Bacia do Mediterrâneo Antigo no século I da nossa era, é importante percebermos alguns elementos socioeconômicos e culturais no transfundo dos escritos do Antigo e Novo Testamentos. Neste bloco, falemos sobre os textos do primeiro e o contexto social de produção dos mesmos, bem como os efeitos de sentido de tais textos e(m) seus primeiros ouvintes-leitores. Vejamos o

que propicia a escrita de alguns textos e qual poderia ser a intencionalidade de seus autores.

Um momento é aquele em que os escritos são produzidos. A maioria dos textos do Antigo Testamento tem seu contexto social de produção marcados pelo exílio, de boa parte da massa pensante de Israel, na Babilônia – século VI a.C. (590-520 aproximadamente): por isso, os textos são classificados como pré-exílicos, exílicos e pós-exílicos. Na produção do Pentateuco – os cinco primeiros livros do Antigo Testamento –, por exemplo, há um certo consenso quanto à teoria dos fragmentos – textos curtos com relatos da época – que se uniu à teoria das fontes – grupos de escritores diferentes em torno do exílio para a produção dos textos que se tem à disposição. Os textos orais que se propagavam de geração em geração com os escríptulos judaicos também contribuíram para esta produção. Quanto aos textos históricos, o contexto de produção não dista muito desse momento, e quanto aos profetas, vão desde o pré-exílio (VII a.C.) até o século II a.C., tempo das dinastias advindas dos generais de Alexandre Magno, que não deixou herdeiro reconhecido como legítimo.

Já no Pentateuco, uma série de mulheres fortes, as matriarcas, saltam aos olhos como exemplo nítido de uma sociedade em construção, na qual homens e mulheres são pares complementares e, de modo algum, um gênero sobrepuja o outro. Eva, Sara, mulher de Abraão, Rebeca, sua nora, Raquel e Lia, mulheres de Jacó, Joquebede, a mãe de Moisés são mulheres que, por muitas vezes, seriam consideradas “subversivas” pelas atitudes com que são descritas nos textos (LACOCQUE, 1992). De acordo com o Antigo Testamento que temos hoje em mãos, logo após o Pentateuco, temos o livro de Josué, e em seguida Juízes, sobre o qual destacamos duas mulheres para conversar um pouco.

O livro de Juízes tem, como ambiente, ou *mundo do texto* (RICOEUR, 1994), o momento após a passagem do rio Jordão e a organização das tribos de Israel na tomada de posse da chamada Terra Prometida, habitada por outros povos, e tomada por meio de batalhas. Entre as batalhas há momentos de paz, mas o povo assume a religiosidade dos povos naturais da terra, e é “castigado pelo SENHOR, Deus de Israel” (Juízes 3,7-8; 4,1-2): os “inimigos” oprimem o povo, o SENHOR levanta um libertador – um juiz militar –, este arregimenta um grupo para a batalha e vence. A terra volta a ter paz até o próximo momento em que o povo cairá no mesmo erro e passará pelo mesmo ciclo novamente.

Nesse contexto de constante iminência de guerra, as mulheres também são muito fortes e sua força e valor ficam nítidas na narrativa. Há uma série de situações no mínimo interessantes: a força da mãe sobre os filhos, igual ou maior que do pai (Juízes 8; 9; 13–16; 17); uma mulher atira uma pedra contra o comandante inimigo e este morre por traumatismo craniano (Juízes 9); o anjo do SENHOR fala com a mãe de Sansão, e não com o pai (Juízes 13), e a força de Dalila sobre Sansão (Juízes 16); as moças têm uma festa só para elas uma vez ao ano, em que vão dançar, livres (Juízes 21). É no meio destas narrativas onde há preponderância de figuras femininas (BRENNER, 2001) que encontramos a história de duas mulheres que queremos examinar com mais cuidado: Débora e Jael.

### **3. *Débora, a comandante (Juízes 4,1-10)***

Alguns elementos explícitos no texto precisam direcionar nossa leitura em forma de questionamentos: 1) Débora é profetisa, juíza, casada e possui uma palmeira com seu nome; 2) Debaixo da palmeira, aconselha o povo para resolução de seus problemas, e é considerada uma mulher de sabedoria de acordo com a cultura da época; 3) Ela manda chamar um homem – Baraque – para que este vá ao campo de batalha lutar contra o exército inimigo e, este afirma que só vai, se Débora for com ele; 4) Débora antecipa, numa prolepse, que a honra da batalha estará nas mãos de uma mulher, informação que o ouvinte-leitor considera ser inicialmente a própria Débora; 5) Débora vai ao campo de batalha. Leiamos o texto:

Porém os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau aos olhos do SENHOR, depois de falecer Eúde. <sup>2</sup> Entregou-os o SENHOR na mão de Jabim, rei de Canaã, que reinava em Hazor; e Sísera era o capitão do seu exército, o qual então habitava em Harosete dos gentios. <sup>3</sup> Então os filhos de Israel clamaram ao SENHOR, porquanto ele tinha novecentos carros de ferro, e por vinte anos oprimia violentamente os filhos de Israel. <sup>4</sup> E Débora, mulher profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo. <sup>5</sup> Ela assentava-se debaixo das palmeiras de Débora, entre Ramá e Betel, nas montanhas de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo. <sup>6</sup> E mandou chamar a Baraque, filho de Abinoão de Quedes de Naftali, e disse-lhe: Porventura o SENHOR Deus de Israel não deu ordem, dizendo: Vai, e atraí gente ao monte Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom? <sup>7</sup> E atrairei a ti para o ribeiro de Quisom, a Sísera, capitão do exército de Jabim, com os seus carros, e com a sua multidão; e o darei na tua mão. <sup>8</sup> Então lhe disse Baraque: Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei. <sup>9</sup> E disse ela: Certamente irei contigo, porém não será tua a honra da jornada que empreenderes; pois à mão de uma mulher o SENHOR entregará a Sísera. E Débora se levantou, e partiu com Baraque para Quedes. <sup>10</sup> Então Ba-

raque convocou a Zebulom e a Naftali em Quedes, e subiu com dez mil homens após ele; e Débora subiu com ele.

#### **4. Jael, a combatente (Juízes 4,14-23)**

É importante notar que este é o único texto no Antigo Testamento em uma mulher está em campo de batalha. É também um relato – entre apenas dois na Bíblia – em que há “combate” direto com um homem (o outro relato é de Judite, que mata Holofernes com a própria espada dele). A primeira mulher da narrativa, Débora, desde o momento em que literalmente dá as ordens a Baraque do que precisa ser feito, passa a ser retratada como a comandante em chefe da batalha contra o general Sísera e seu exército; a segunda, que veremos a seguir, recebe o próprio Sísera em sua tenda, pois o seu marido era aliado do general, aliança na qual Jael não tem parte e contra a qual se rebela.

Algumas informações acerca de Débora e Baraque ainda constam, junto às de Jael e Sísera. Note-se, com cuidado, a coragem presente nas personagens femininas, não nas masculinas. Direcionemos a leitura: 1) Baraque e seus homens só começam a lutar e enfim derrotam o exército de Sísera sob a palavra encorajadora de Débora como profetisa; 2) Sísera, em lugar de permanecer no campo de batalha e lutar, foge a pé para a tenda de Jael; 3) Jael utiliza-se de um “jogo de sedução” para atrair Sísera e em lugar de água, amortece-lhe as forças com leite (na verdade, coalhada) e lhe pede que se deite sob o cobertor; 4) Sísera faz sugestões a Jael, mas na verdade é ele que cumpre todas as sugestões feitas por Jael; 5) Jael utiliza a uma das estacas da tenda e mata Sísera; 6) A ação da profecia (prolepse) de Débora se cumpre, Jael vai ao encontro de Baraque para que a morte do general inimigo seja reconhecida, pois este domínio pertence aos homens, fato que difere totalmente na narrativa em curso. Leiamos:

<sup>14</sup> Então disse Débora a Baraque: Levanta-te, porque este é o dia em que o SENHOR tem dado a Sísera na tua mão; porventura o SENHOR não saiu adiante de ti? Baraque, pois, desceu do monte Tabor, e dez mil homens após ele.

<sup>15</sup> E o SENHOR derrotou a Sísera, e a todos os seus carros, e a todo o seu exército ao fio da espada, diante de Baraque; e Sísera desceu do carro, e fugiu a pé. <sup>16</sup> E Baraque perseguiu os carros, e o exército, até Harosete dos gentios; e todo o exército de Sísera caiu ao fio da espada, até não ficar um só. <sup>17</sup> Porém Sísera fugiu a pé à tenda de Jael, mulher de Héber, queneu; porquanto havia paz entre Jabim, rei de Hazor, e a casa de Héber, queneu. <sup>18</sup> E Jael saiu ao encontro de Sísera, e disse-lhe: Entra, senhor meu, entra aqui, não temas. Ele entrou na sua tenda, e ela o cobriu com uma coberta. <sup>19</sup> Então ele lhe disse: Dá-me, peço-te, de beber um pouco de água, porque tenho sede. Então ela abriu

um odre de leite, e deu-lhe de beber, e o cobriu.<sup>20</sup> E ele lhe disse: Põe-te à porta da tenda; e há de ser que se alguém vier e te perguntar: Há aqui alguém? Responderás então: Não.<sup>21</sup> Então Jael, mulher de Héber, tomou uma estaca da tenda, e lançou mão de um martelo, e chegou-se mansamente a ele, e lhe cravou a estaca na fonte, de sorte que penetrou na terra, estando ele, porém, num profundo sono, e já muito cansado; e assim morreu.<sup>22</sup> E eis que, seguindo Baraque a Sísera, Jael lhe saiu ao encontro, e disse-lhe: Vem, e mostrar-te-ei o homem que buscas. E foi a ela, e eis que Sísera jazia morto, com a estaca na fonte.<sup>23</sup> Assim Deus naquele dia sujeitou a Jabim, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel.

Ambos os textos apontam narrativas de mulheres que literalmente não são sexo frágil, tampouco fogem à luta. Importa notar que textos que retratam este tipo de mulheres permeiam todo o Antigo e Novo Testamentos e podem ser utilizados como exemplos para demonstrar que o argumento de que a Bíblia é um texto machista de uma sociedade patriarcal pode ser combatido. Como primeira “arma”, vale ler e estudar tais narrativas, e os valores que nelas se imprimem, através da metodologia da análise narrativa dos textos, observando quem protagoniza as ações, o enredo em que se inserem tais personagens, o foco narrativo, o tempo, o espaço, a vez e a voz das mulheres.

Como segunda “arma”, aplicar a problematização dos textos através da análise de discurso e pensar: de acordo com a historicidade, as condições de produção dos textos em Juízes 4 (e nas narrativas de mulheres supracitadas) apontam um discurso igualitário em que homens e mulheres são valorizados na mesma medida? Se a análise do discurso busca saber se a produção de sentidos faz sentido aos que produzem o discurso, o texto é escrito sob que condições sociais? No mínimo, homens e mulheres caminham juntos na construção da sociedade em que vivem. Não é assim também hoje? Por que então a acusação de *machismo* nos textos ou no ambiente em que são produzidos?

A questão se acirra quando se fala do texto sem ao menos perceber ou investigar o seu contexto. Neste sentido, a regra áurea da interpretação incomoda com uma de suas principais assertivas: onde se posiciona o afastamento *sine qua non* à observação hermenêutica? É preciso entender o texto como um todo, em dado espaço e tempo, caracterizados, para emitir alguma opinião ou juízo de valor sobre ele, o que já é perigoso. Textos falam por si só. Até mesmo as metodologias que se lhe aplicam são por ele “pedidas”. Não se pode forçar ou afrontar o texto de acordo com o *meu* pensamento. O texto é livre e merece interpretação, não *superinterpretação* (ECO, 1993), pois ele tem limites que o pré-determinam.

Estudar estes limites é a cereja do bolo que nos fará ver deliciosas entrelinhas por trás das linhas.

### **5. *Falares de não preconceito***

Um dos textos mais utilizados no discurso religioso daqueles que utilizam os textos bíblicos – católicos e protestantes/evangélicos – na atualidade é: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8,32). Intriga-nos observar os verbos no referido texto – *conhecer* e *libertar* – e o que tem sido feito dele. O conhecimento precisa trazer libertação pela verdade. Libertação em primeiro lugar da ignorância dos textos bíblicos pela falta de leitura dos mesmos. Em suma, a verdade só libertará se for conhecida.

O discurso de ódio ou de intolerância religiosa tem feito parte da realidade de nossos dias, principalmente por um problema hermenêutico em princípio. Se nos expusermos aos evangelhos, no Novo Testamento, vamos encontrar um Jesus Cristo que não nutre preconceito algum por quem quer que seja. Não há intolerância em Jesus, este que deve ser o modelo comportamental para aqueles que seguem a religião cristã. Pelo contrário, Jesus é chamado de comilão e bebedor, de amigo dos cobradores de impostos e das prostitutas. Isso porque andava com todo mundo e tratava a todos igualmente – andava com quem ninguém queria andar e questionava aqueles que se julgavam melhores do que os outros pelo cumprimento da religião. Jesus era “paz e amor” em um movimento que marcou a história e fez história. Mas há muita gente que não entendeu a sua mensagem até hoje.

Para fundamentar seu discurso de que todos são iguais perante Deus, e que por isso o sol e a chuva vêm sobre todos, justos e injustos (Mateus 5,45), Jesus utiliza o amor como regra áurea: ama a Deus, e com a mesma intensidade ama a teu próximo como a ti mesmo (Mateus 19,19; 22,39; Marcos 12,31.33; Lucas 10,27). Nem mais, nem menos. E dentre várias narrativas que demonstram esse desafio sobre-humano de amar o próximo, uma foi escolhida para uma conversa aqui: a parábola do bom samaritano e o contexto em que está envolvida, que lhe dá o impulso para ser proferida e utilizada: queriam pegar Jesus “na curva”, diríamos hoje em linguagem coloquial e, colocá-lo “em maus lençóis”. Mas a parábola aponta, como no adágio popular, que o feitiço se virou contra o feiteiro.

**6. O bom samaritano e o incômodo nosso de cada dia (Lucas 10,25-37)**

A parábola do bom samaritano possui várias questões para reflexão sobre esse Jesus retratado pelo evangelho de Lucas. Aliás, há uma questão para refletir dentro da própria narrativa que envolve a parábola e que deu o mote para este texto ser escrito, o qual apresentamos no título. Ei-lo: um camarada que conhece e segue *rigorosamente* a *Torah* (o Pentateuco: ensinamento-base do povo judeu), isto é, um doutor da lei, aparece para perguntar a Jesus uma coisa que ele, o sujeito sabichão, estava cansado de tanto falar e ensinar. Já vem chamando de Jesus de “mestre”, o que supõe que Jesus também tinha obrigação de saber e responder o que viria. E vem a pergunta: “que farei para herdar a vida eterna?”. Jesus, sabido, faz a pergunta hermenêutica e passa a bola para o próprio camarada responder: “Que está escrito na lei? Como lês?”.

A partir daí, a tensão narrativa vai só aumentando numa gradação ascendente até chegar ao clímax. Vejamos: 1) o doutor da lei é judeu – e judeus têm uma rixa histórica com os samaritanos de pelo menos sete séculos até esse momento da parábola; 2) o doutor da lei conhece a teoria, mas tem problemas sérios com a prática – ele responde o que está na lei: amarás...; 3) Jesus o convida à prática – faça isso, e viverás; 4) o doutor da lei começa a sentir o incômodo da bobagem que fizera, e repassa a pergunta a Jesus – mas quem é o meu próximo?; 5) Jesus continua o desafio contando a parábola de um samaritano sem nome – o que caracterizaria todo e qualquer samaritano –, herói-modelo de bondade e generosidade da história; 6) Jesus pergunta quem foi o próximo – o herói da parábola – e o doutor da lei, que nunca em sua vida iria dizer a palavra “samaritano”, a não ser para alimentar seu discurso de preconceito e ódio, diz que o “próximo” foi o que usou de misericórdia para com o homem caído; 7) Jesus fecha o assunto, reiterando o que dissera antes, mas agora com um agravante: o doutor da lei, que já tinha desde criança absorvido o preconceito contra os samaritanos, ouvia: “Vai, e faz da mesma maneira”. Duro e difícil de ouvir. Leiamos:

<sup>25</sup> E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? <sup>26</sup> E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês? <sup>27</sup> E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. <sup>28</sup> E disse-lhe: Respondeste bem; faz isso, e viverás. <sup>29</sup> Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? <sup>30</sup> E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores,

os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.<sup>31</sup> E, ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo.<sup>32</sup> E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo.<sup>33</sup> Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;<sup>34</sup> E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele;<sup>35</sup> E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar.<sup>36</sup> Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?<sup>37</sup> E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai, e faz da mesma maneira.

O que pensar após esta parábola que nos desafia e incomoda também se entrássemos na viagem do *mundo do texto* e fôssemos uma formiguinha do século I da nossa era, presenciando o fato? Testemunhar o incômodo daquele camarada em referir-se a alguém que a ele não trazia prazer algum como o “meu próximo”? Será que a leitura das atitudes e das falas desse Jesus do evangelho de Lucas se submeteria à ideologia da época ou contrapor-se-ia a ela (CULLER, 1999)? Será que essa leitura não aponta esse “perigo da literatura” de abrir nossos olhos para como estamos vivendo (TODOROV, 2010), ou essa literatura está em perigo por não atrair mais leitores? Às vezes é mais fácil ler o que nos agrada e nos acaricia em nossos próprios egoísmos...

### **7. A parábola é recontada: o bom travesti e o incômodo continua...**

Rubem Alves, escritor, pensador, teólogo, psicanalista e professor, tão conhecido da maioria de nós por uma ‘hermenêutica *pé no chão*’ dos textos bíblicos, fez uma releitura, em 2010, da parábola de Lucas e situou-a bem próxima de todos nós, e propôs, sem tirar o sentido desafiante e incômodo da narrativa, um estudo nas Comunidades Eclesiais de Base, grupos católicos de estudos bíblicos compartilhados, mas que servem como uma (valiosa) luva aos protestantes/evangélicos em suas lições de Escolas Dominicais. A nova parábola foi intitulada *O Bom Samaritano ou O Bom Travesti*:

E perguntaram a Jesus: “Quem é o meu próximo?” E ele lhes contou a seguinte parábola: Voltava para sua casa, de madrugada, caminhando por uma rua escura, um garçom que trabalhara até tarde num restaurante. Ia cansado e triste. A vida de garçom é muito dura, trabalha-se muito e ganha-se pouco. Naquela mesma rua dois assaltantes estavam de tocaia, à espera de uma vítima. Vendo o homem assim tão indefeso saltaram sobre ele com armas na mão e disseram: “Vá passando a carteira”. O garçom não resistiu. Deu-lhes a carteira. Mas o dinheiro era pouco e por isso, por ter tão pouco dinheiro na cartei-

ra, os assaltantes o espancaram brutalmente, deixando-o desacordado no chão. Às primeiras horas da manhã passava por aquela mesma rua um padre no seu carro, a caminho da igreja onde celebraria a missa. Vendo aquele homem caído, ele se compadeceu, parou o carro, foi até ele e o consolou com palavras religiosas: “Meu irmão, é assim mesmo. Esse mundo é um vale de lágrimas. Mas console-se: Jesus Cristo sofreu mais que você”. Ditas estas palavras ele o benzeu com o sinal da cruz e fez-lhe um gesto sacerdotal de absolvição de pecados: “Ego te absolvo...” Levantou-se então, voltou para o carro e guiou para a missa, feliz por ter consolado aquele homem com as palavras da religião. Passados alguns minutos, passava por aquela mesma rua um pastor evangélico, a caminho da sua igreja, onde iria dirigir uma reunião de oração matutina. Vendo o homem caído, que nesse momento se mexia e gemia, parou o seu carro, desceu, foi até ele e lhe perguntou, baixinho: “Você já tem Cristo no seu coração? Isso que lhe aconteceu foi enviado por Deus! Tudo o que acontece é pela vontade de Deus! Você não vai à igreja. Pois, por meio dessa provação, Deus o está chamando ao arrependimento. Sem Cristo no coração sua alma irá para o inferno. Arrependa-se dos seus pecados. Aceite Cristo como seu salvador e seus problemas serão resolvidos!” O homem gemeu mais uma vez e o pastor interpretou o seu gemido como a aceitação do Cristo no coração. Disse, então, “aleluia!” e voltou para o carro feliz por Deus lhe ter permitido salvar mais uma alma. Uma hora depois passava por aquela rua um líder espírita que, vendo o homem caído, aproximou-se dele e lhe disse: “Isso que lhe aconteceu não aconteceu por acidente. Nada acontece por acidente. A vida humana é regida pela lei do *karma*: as dívidas que se contraem numa encarnação têm de ser pagas na outra. Você está pagando por algo que você fez numa encarnação passada. Pode ser, mesmo, que você tenha feito a alguém aquilo que os ladrões lhe fizeram. Mas agora sua dívida está paga. Seja, portanto, agradecido aos ladrões: eles lhe fizeram um bem. Seu espírito está agora livre dessa dívida e você poderá continuar a evoluir”. Colocou suas mãos na cabeça do ferido, deu-lhe um passe, levantou-se, voltou para o carro, maravilhado da justiça da lei do *karma*. O sol já ia alto quanto por ali passou um travesti, cabelo louro, brincos nas orelhas, pulseiras nos braços, boca pintada de batom. Vendo o homem caído, parou sua motocicleta, foi até ele e sem dizer uma única palavra tomou-o nos seus braços, colocou-o na motocicleta e o levou para o pronto socorro de um hospital, entregando-o aos cuidados médicos. E enquanto os médicos e enfermeiras estavam distraídos, tirou do seu próprio bolso todo o dinheiro que tinha e o colocou no bolso do homem ferido. Terminada a estória, Jesus se voltou para seus ouvintes. Eles o olhavam com ódio. Jesus os olhou com amor e lhes perguntou: “Quem foi o próximo do homem ferido?”.

Os ouvintes de Jesus na releitura de Rubem Alves – destacados claramente – olhavam-no com ódio (a ambiguidade é proposital). Os leitores de nosso tempo talvez também tenham esse olhar que emudece o discurso, pois nem dele precisa. Muita gente ainda está emudecida diante dos gemidos do garçom caído e de palavra alguma na boca do travesti. Outros não entenderam a parábola ou a ignoraram e continuam mantendo discursos preconceituosos e de ódio. Importa repetir, que nessa releitura contemporânea, Rubem Alves aponta que os ouvintes – os religiosos de

hoje – olhavam para Jesus e para sua metáfora do amor em uso – no travesti – com ódio. A contragosto destes, o olhar de Jesus lhes era de amor.

A mensagem continuou fiel e não sofreu superinterpretações. O que importa é notar que o texto *recebido* (dentro da proposta da *Estética* ou *Teoria da Recepção*, JAUSS, 2002), *refigurado* (RICOEUR, 1994) e relido foi ao *epicentro do furacão*, ao *calcanhar de Aquiles* da religião, que se desligou de um Deus de amor, Deus que estava no princípio com o homem, tentando ensinar-lhe a se aceitar e a se amar à medida que aceitasse o seu próximo – a divindade que daquele (do homem) se aproximara. Por amor sempre. Desde o princípio. E como princípio.

#### **8. De que forma o texto bíblico liberta? Ou aliena? Tudo depende da leitura**

Como a verdade pode nos libertar? Não será olhando para dentro de nós e de nossos erros e acertos para conosco mesmos e para com os outros? De modo oposto, a *não busca* da verdade tem alienado muitos de nós. Como alienou os ouvintes da parábola do Jesus de Lucas e do de Rubem Alves. Jesus inundou o coração do samaritano e do travesti de amor. Amor em lugar do ódio que recebiam até então. Depois de cuidarem do homem caído, a vida seguiu seu curso, com instantes estendidos de bons (e até maus) encontros que perfazem uma vida boa e normal. É a nossa vida.

Muito além da espiritualidade que está ligada ao âmbito religioso, a construção conceitual do amor contido na *espiritualidade laica* de Luc Ferry (2012) proposta para o século XXI, mostra-nos que, se atentarmos com cuidado, não veremos muita diferença na espiritualidade exercida na vida e obra de Jesus:

Mesmo que o próximo seja o contrário do parente, se ele é o anônimo, aquele que não conhecemos e que, conseqüentemente não podemos amar como amamos os amigos ou os filhos, não deixa de ser verdade que a humanidade pode ser legitimamente percebida como uma espécie de reservatório de encontros amistosos (ou, eventualmente, inamistosos). É nela que encontraremos nossos próximos amores (ou nossos próximos inimigos), e em nenhuma outra parte. Que nossa existência seja limitada no tempo e no espaço não muda o fato de que podemos, a cada dia que Deus nos dá, estabelecer laços com outrem (FERRY, p. 227).

Esta *Revolução do Amor* contida no movimento de Jesus em pleo século I d.C. tem um de seus pilares na máxima de Mateus 7,12: “Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lhe tam-

bém vós, porque esta é a lei e os profetas”. Trocando em miúdos, o que eu não quero para mim, eu não faço com o outro. Isso demonstra um pouco (ou muito!) do pensamento revolucionário de Jesus diante da *Torah* judaica e que se alastraria por seus seguidores em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra.

Colocarmo-nos no lugar do outro que de nós é diferente sem que a divindade nos obrigue a tal coisa definitivamente não fazia parte do plano dos “religiosos” dos primeiros séculos da era cristã. Com muita tristeza, constatamos que em nossos dias também essa empatia não cabe àquelas que jogam pedras em quem não segue sua religião, literalmente, ou aos que fazem piadas com a crença do outro, com gracejos tipo “tá amarrado”. Urge saber respeitar. Urge saber falar de religião e de tolerância. Urge saber falar de Deus, mesmo que o modo como o meu próximo o enxerga seja diferente do meu. Precisamos ter a capacidade de perguntar ao próximo como ele lê, como está escrito, e ouvi-lo em suas necessidades no que precisar de auxílio hermenêutico. Conversar. Compartilhar.

### **9. No discurso religioso ou no sermão pergunta-se “como lê”?**

O sermão compreende a hermenêutica e a aplicação do texto bíblico à atualidade de uma comunidade de fé. Ele é uma combinação única de estrutura estilística – marcada e formal – e de um contexto apropriado e restrito – culto religioso, igreja. Essa combinação opõe-se, por exemplo, a conversas em uma festa onde os enunciados e o contexto podem variar muito mais. No entanto, deve ficar claro que o religioso não está restrito ao espaço da igreja, mas pode ser encontrado no cotidiano, assim como existem rituais regulares. (SETZER, 1987, p. 94)

Este (discurso) religioso, no cotidiano, mistura-se intrinsecamente às crenças e valores da sociedade em que está inserido. São os membros dessa sociedade, representados por um sacerdote que o religa a Deus, que deveriam perceber que essa religação é livre e precisa do outro para existir: se me religo ao próximo, necessariamente me religo a Deus. Um discurso religioso livre de amarras acompanhando esses gestos não seria nada mal. A questão estaria em uma formação discursiva que se fizesse autônoma, responsável e aberta. Estaríamos no paraíso na Terra.

Mas a realidade é outra. Uma formação discursiva que respeita ao outro não é a religiosa. É a política. E pelo andar da carruagem, o que tem acontecido é desastroso. Os domínios da formação discursiva religi-

osa têm invadido os limites da política. De acordo com os estudos ao longo do século XX, teríamos duas formações discursivas que, em seus extremos, são antagônicas. A contradição se encontra exatamente ao nível do discurso, na tentativa inviável de transformar os sujeitos em participantes, através de um discurso que possui marcas profundas de submissão. (SETZER, 1987, p. 98):

	<b>Discurso Religioso</b>	<b>Discurso Político</b>
Sujeito	Dominado por Deus Indivíduo submisso ao discurso Aceita, crença	Maior autonomia Indivíduo responsável pelo discurso Direitos de reivindicar
Argumentação	Fundamentada no texto Signo fechado, imutável	Diversas leituras Signo aberto, polissêmico
<i>Locus</i>	Igreja	Estado

Observamos que não há “como lê?”; “o que interpreta?”. alguma coisa se perdeu no caminho entre a parábola e a fala libertadora de Jesus pela verdade, e o que temos visto por aí. O que se vê acima – o ponto de vista conclusivo é sempre do representante da infalibilidade: Deus. Jesus menearia a cabeça se visse tal coisa. E talvez chamasse a gente religiosa de nossos dias de “raça de víboras”, como chamou aos de sua geração (Mateus 12,34). E ainda diria “geração perversa e incrédula, até quando vos sofrerei...?”. (Marcos 9,19)

### **10. Para não concluir...**

No fundo, o que se precisa é reaprender a ler. Perceber que o sentido faz todo sentido. Seja no século VII a.C., no século I da era cristã ou vinte séculos após. Os textos sempre serão as tramas tecidas por aqueles que se incomodam – ou pelo direito de todos que precisa ser abafado através da construção de classes em oposição, ou pelas classes que se veem no direito de serem valorizadas de forma equiparada. Neste sentido, os escritos de Juízes e a fala do Jesus de Lucas são apenas dois exemplos em um mar de textos que constituem o discurso de uma gente que foi contando suas histórias em um tempo e em um lugar nos quais a luta pelo não machismo e não preconceito sempre existiu. E precisa existir. Ainda. Sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1980.
- BRENNER, Athalya. (Org.). *Juízes a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- JAUSS, Hans Robert et alli. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coord. e trad.: Luiz Costa Lima. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LACOCQUE, André. *Subversives ou un Pentateuque de femmes*. Paris: Du Cerf, 1992.
- ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. São Paulo: Pontes, 1996.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa I*. Trad.: Constança César. São Paulo: Papirus, 1994.
- SETZER, Rachel. Os homens estão criando um mundo que Deus não quer: contradição e conflito no discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987, p. 91-102.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.